

DESENVOLVIMENTO

A VEZ DOS CAPIXABAS NO MERCADO PETROLÍFERO

Vipetro e Imetame dão fôlego a um setor fragilizado pela crise

/// BEATRIZ SEIXAS
bseixas@redgazeta.com.br

De nove anos para cá, o setor de petróleo e gás no Brasil ganhou uma nova dimensão e importância com a descoberta do pré-sal. Investimentos bilionários, perfurações de poços em elevadas profundidades, atuação de grandes players e plataformas espalhadas pelo litoral compõem o cenário que tornou o país uma das melhores oportunidades exploratórias da atualidade, ao lado do Golfo do México e da Costa Oeste da África, formando o chamado “Triângulo Dourado”.

Mas a euforia que se formou nesse período e as perspectivas para um desenvolvimento sem precedentes no segmento foi abatida, especialmente no último ano, por um mercado internacional fragilizado, com o preço do barril do petróleo abaixo dos US\$ 50; por uma economia brasileira em crise caminhando lado a lado com uma política desacreditada; e pela Operação Lava Jato, que revelou um engenhoso esquema de corrupção dentro da maior petrolífera do país, a Petrobras.

Essa combinação foi suficiente para estancar projetos e afugentar investidores que estavam sedentos por explorar e produzir em águas profundas. Mas se entre os gigantes o lema tem sido aguardar uma reviravolta do mercado, o mesmo não se pode dizer das pequenas e médias empresas de óleo e gás.

São justamente elas que estão sendo responsáveis por uma pequena revolução, da qual fazem parte duas capixabas: a Vipetro e a Imetame. Voltadas para o onshore, ou seja, para a exploração e produção em terra, são as petroleiras desse porte que estão apostando na aquisição de novas áreas e vislumbrando investimentos.

O resultado da 13ª Rodada da Agência Nacional do Petróleo (ANP), realizada no início deste mês no Rio de Janeiro, é a prova de que a vez é delas. O leilão, que inclusive ofertava áreas marítimas no Espírito Santo, foi um verdadeiro fracasso. Com apenas 14% dos blocos arrematados, ausência de ofertas para os sete blocos no litoral

capixaba e sem nenhum lance das referências desse setor, como Petrobras, Shell e ExxonMobil, o certame só trouxe alívio para o Espírito Santo diante das conquistas das pequenas e relativamente novatas capixabas.

INVESTIMENTOS

Ao todo, Vipetro e Imetame arremataram cinco áreas em bacias sedimentares do Parnaíba (Maranhão), Potiguar (Rio Grande do Norte) e Recôncavo (Bahia) e preveem investir mais de R\$ 16,5 milhões nos próximos anos dentro dos programas exploratórios. Ambas afirmam que já esperavam um leilão pouco concorrido, mas disseram também que essa era uma boa oportunidade para aumentar o portfólio de ativos sem muita exposição financeira.

O diretor-executivo da Imetame – que arrematou quatro blocos –, Roberto Gomes Baptista Neto, frisa que, mesmo sendo um momento crítico, a empresa tem a noção que as estratégias para esse setor são de médio e longo prazos. “A gente entende que a atividade exploratória de petróleo é demorada. Os ciclos exploratórios são de no mínimo cinco anos. Então, apesar do momento de crise, acreditamos que vamos colher os frutos para esse investimento lá na frente.”

Baptista explica que, dos quatro blocos adquiridos (3 no Recôncavo e 1 em Potiguar), dois são próximos a áreas que a empresa já atua. “Nosso objetivo é a ampliação de reservas. Os outros dois são novos prospectos que a equipe de geólogos identificou como potenciais.”

Já a Vipetro mirou na Bacia do Parnaíba de olho na exploração e produção de gás. O diretor da empresa, Raphael Resende de Souza, explica que o mercado consumidor para esse produto é menos limitado, como o de óleo – ainda muito refém da Petrobras, segundo ele.

Empresas do Estado, como a Vipetro, apostam na exploração e produção de óleo e gás em terra tanto no Espírito Santo quanto em outras bacias do país

“Hoje o petróleo está ruim, e um dos pontos prejudiciais é que a gente tem um comprador basicamente: a Petrobras. Ela determina as regras, já que todas as refinarias são dela. Na Bacia do Parnaíba a maior probabilidade de descoberta é de gás. E o gás, além de ser utilizado na indústria e no uso doméstico, pode ser empregado na geração de energia, algo que o país ultimamente está precisando bastante. Então, isso nos motivou.”

Souza acrescenta que a motivação também vem do fato de a Vipetro já ter uma estrutura, equipamentos, equipes e uma expertise na área que os impulsionam a investir – sempre com cautela, destaca ele – apesar da conjuntura delicada do país.



Exploração e produção de petróleo em terra

No Estado, a exploração e produção onshore (terrestre) acontece na Bacia do Espírito Santo, Norte capixaba

ÁREAS SOB CONCESSÃO

- Fase de produção: 519,168 km²
- Fase de exploração: 225,273 km²
- Outras

Mapa mostrando as bacias de Mucuri, Espírito Santo e Linhares, com cidades como Conceição da Barra, São Mateus, Jaguaré, Linhares e Rio Doce.

1º ESTUDOS PARA LOCALIZAR POSSÍVEIS JAZIDAS DE PETRÓLEO E GÁS

Nessa etapa, equipes de geólogos e geofísicos fazem um mapeamento e uma espécie de raio-x do subsolo por meio de **sísmicas**. Um método que utiliza explosivos para produzir ondas

Geofones, Explosivos, Informações, Horizontes de reflexão 1 e 2, Crostas terrestres.

2º INÍCIO DO PROCESSO DE PERFURAÇÃO DO POÇO

É nessa fase que a empresa vai ter a certeza da presença ou não de petróleo e gás. O trabalho é feito por uma **sonda de perfuração**. Na sequência, há o trabalho da sonda de completação, processo para deixar o poço habilitado para produzir petróleo ou gás

O custo de perfuração: De US\$ 1,5 milhão a US\$ 5 milhões

Profundidade: De 300 metros a 4.000 metros

3º COMEÇO DA PRODUÇÃO

Essa é a etapa mais esperada pela empresa. Em terra, é muito comum a utilização de um equipamento conhecido como **cavalo de pau**, mas tecnicamente chamado de unidade de bombeio mecânico

4º TRANSPORTE DO ÓLEO

Do poço, o petróleo é transportado por dutos, caminhões e navios, que irão levá-lo até as refinarias para ele ser transformado em produtos como diesel, gasolina e querosene de aviação

Números do setor

No Estado

14 mil barris de óleo são produzidos por dia, em média

247 m³/dia de gás são produzidos no onshore capixaba

No país

160 mil barris diários de óleo

23.287,41 m³/dia de gás

1.700 poços de petróleo em terra, aproximadamente, já foram perfurados no Espírito Santo

344 deles estão em operação

47 Campos em produção

43 de óleo e **4** de gás

1 Campos em desenvolvimento

EMPRESAS COM ATIVIDADES PETROLÍFERAS NO ESTADO

Fase de Produção:	Fase de Exploração:
• Petrobras	• Cowan Petróleo e Gás S.A
• Petrosynergy	• Petrobras
• Central Resources	• Lábrea Petróleo S.A.
• Vipetro	• Statoil Brasil Óleo e Gás Ltda
• IPI (IPI Oil Exploração de Petróleo Ltda.)	• Vipetro Petróleo S.A.

RESERVAS PROVAADAS EM TERRA:

Brasil	ES
832,22 milhões de barris de petróleo e	33,467 milhões de barris de petróleo e
71.228,17 milhões de m ³ de gás natural	592,61 milhões de m ³ de gás natural

Infografia | Genilfo

EMPRESAS DE OLHO EM CAMPOS DA PETROBRAS

Plano de desinvestimentos da estatal abre oportunidades

BEATRIZ SEIXAS
bseixas@reddegazeta.com.br

O leilão da Agência Nacional do Petróleo (ANP), que ofertou 182 blocos em terra no início deste mês, mal acabou e as petrolíferas do Estado Imetame e Vipetro já estão de olho nas oportunidades que podem surgir com o plano de desinvestimentos da Petrobras.

A estatal anunciou que pretende vender até 180 campos terrestres maduros em cinco bacias sedimentares, incluindo a do Espírito Santo. Apesar de não ter divulgado até então detalhes

de quantos campos em terras capixabas podem ser contemplados e quais áreas pretende se desfazer, só o fato de ter divulgado a intenção de venda, despertou a atenção das pequenas e médias empresas do setor.

O diretor da Vipetro, Raphael Resende de Souza, reforça o interesse da companhia, mas ressalva que a compra de fato vai depender das condições que serão postas: “Depende das regras, dos campos e até mesmo das garantias de compra que a Petrobras vai estabelecer para esse

óleo que vamos produzir.”

Preocupação semelhante tem o diretor-executivo da Imetame, Roberto Gomes Baptista Neto. “Estamos na expectativa de a Petrobras fazer a venda dos seus ativos onshore e termos a oportunidade de investir aqui. Estamos bastante interessados, mas ainda não tivemos nenhuma informação oficial. Vamos aguardar e esperar que tenha também um apoio governamental para incentivar os pequenos produtores”, defende.

Enquanto isso não acontece, as capixabas vão to-

cando seus projetos e enfatizam que as novas áreas adquiridas fora do Estado vão ter impactos positivos também por aqui. De acordo com elas, novos empregos, desenvolvimento de tecnologia e a contratação de bens e serviços junto a fornecedores do Espírito Santo são algumas das formas que o Estado será contemplado com os investimentos que vão ser realizados.

ATUAÇÃO

Além do recém adquirido bloco na Parnaíba, a Vipetro tem outros três blocos,

um em Linhares e dois em São Mateus. Atuando desde 2006 no mercado, são 18 poços perfurados, sendo três produzindo, responsáveis por uma ainda tímida produção de cerca de 26 barris de petróleo diários.

Essa produção ainda tem um potencial grande de crescimento – a empresa tem a meta de alcançar de 1.000 a 2.000 barris –, mas vai acontecer em um ritmo mais lento do que o inicialmente previsto, que era 2020. “Com o dólar muito alto, os investimentos para colocar um poço em produ-

ção ficam muito caros. Continuamos com os investimentos, mas nos adequamos à atual realidade.”

Concessionária de 19 blocos nas bacias do Recôncavo, Potiguar, Sergipe-Alagoas e São Francisco, a Imetame não tem por enquanto áreas no Estado. Mas ainda assim 95% da sua equipe – formada por cerca de 70 pessoas – é de profissionais do Espírito Santo. Ainda em fase exploratória, a empresa – formada em 2009 – planeja nos próximos 12 meses iniciar a produção de óleo e gás no Recôncavo Baiano.

ENTREVISTA

Anabal Santos Júnior

“É o momento de materializar crise em oportunidade”



O secretário-executivo da Abpip avalia que, apesar do cenário difícil, as pequenas e médias empresas podem alavancar o setor petrolífero

BEATRIZ SEIXAS
bseixas@redgazeta.com.br

Simplificar a regulação no setor e receber estímulos do governo federal é o que querem as pequenas e médias empresas que atuam na exploração e produção terrestre de petróleo e gás no país. A contrapartida para isso, elas garantem que vai vir com investimentos, criação de empregos, contratação de bens e serviços e geração de receitas.

Para saber o cenário e os desafios que essas companhias encontram, A GAZETA conversou com o secretário-executivo da Associação Brasileira de Produtores Independentes de Petróleo e Gás (Abpip), Anabal Santos Júnior, que afirmou que apesar dos entraves, as oportunidades nesse contexto são ainda maiores. Confira.

O mercado internacional de petróleo está lidando com o preço baixo do barril e, no país, ainda existem problemas envolvendo crise econômica e corrupção na Petrobras. Como esses fatores impactam as pequenas e médias empresas?

A indústria de petróleo convive historicamente com essas oscilações de preços do barril. Mas existe uma dificuldade adicional para as empresas que produzem petróleo no Brasil. É que, para vender a produção para a Petrobras, praticamente único comprador, elas são submetidas a um desconto que varia de 12 a 20 dólares. Então os 50 dólares do preço do barril hoje, em muitos casos, representam 30 dó-



Trabalhadores atuam em uma sonda de completção no campo de Gaivota, no município de São Mateus

lares. Mas 50 dólares não significa que o mundo se acabou e que não existe a perspectiva de petróleo em terra. Pelo contrário, a operação em terra tem que ser uma operação mais barata do que todas as operações.

E a crise?

A gente da Abpip tem exercitado aquele famoso ideograma oriental que diz que: onde tem crise tem oportunidade. As independentes vivem e brigam no Brasil há mais de 10 anos. E sem nenhuma ação de governo. De fato, estamos vivendo um momento em que as empresas que permaneceram nesse segmento deram uma grande demonstração da sua disposição de continuar a expectativa de que esse nicho se materialize.

Que tipo de demonstração o senhor se refere?

A 13ª rodada da ANP, por exemplo. As pequenas e médias foram as únicas empresas que se firmaram. O mercado inteiro já sabia que ia ser uma rodada difícil. Mas, ainda assim, as empresas independentes brasileiras bidaram (fizeram ofertas). Essa foi uma demonstração clara de que nessas horas difíceis o país tem com quem contar.

Por que acredita que o resultado do leilão da ANP foi tão ruim?

Existem vários fatores que contribuíram. A não participação da Petrobras foi um deles. E houve também falta de interesse das empresas estrangeiras, que têm aver-

são a riscos regulatório, legal e político. E, principalmente, pela exigência regulatória da ANP ser absolutamente desmedida. A agência tem exagerado no controle, especialmente em campos que não precisariam ter esse tipo de regulação. A regulação no Brasil

tanto vale para um poço que produz dois barris quanto para um campo do pré-sal. Não se faz diferenciação. A gente espera que a ANP faça essa reflexão e seus técnicos entendam que o mercado tem mecanismos de reagir a esses entraves, que é não participando dos leilões.

CARLOS ALBERTO SILVA



“Cavalo de pau” produz óleo no Norte capixaba

A Petrobras anunciou que vai colocar campos maduros à venda, e houve um interesse por parte das pequenas e médias em comprá-los. Mas elas estão preocupadas se a Petrobras vai comprar o óleo que será produzido. Essa é uma preocupação também da Abpip?

Se a Petrobras estiver pensando em fazer caixa com a venda de ativos, quanto mais solução de mercado ela adotar para vender, mais resultado vai ter. Se ela colocar claramente que comprará essa produção com contrato específico e preço definido, como fez na rodada de 2005, certamente esses ativos vão valer muito mais. E vai ser bom para todos. Agora, se expor condições descaídas, não-comerciais, o mercado vai precificar e vai subavaliar o ativo dela.

Nesse momento de tantos problemas no país e no setor, as pequenas e médias empresas podem ter o papel de acelerar e desenvolver o segmento de óleo e gás?

Vivemos o momento de materializar crise em oportunidade. As empresas estão dispostas, têm capacidade técnica e de alavancar recursos. Além disso, no mundo inteiro, o portal de entrada para fornecedores, recém-formados, estudantes é pelos campos maduros. Mas ao não incentivar as pequenas e médias estamos queimando uma etapa. O investidor só quer criar oportunidade, colocar recurso, auferir resultado, gerar emprego e pagar royalties.